

REVISTA



EDIÇÃO ESPECIAL  
2023

# EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E PROMOÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL

Síntese do 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos da Cidade de São Paulo



Esta é uma publicação do projeto **Respeitar é Preciso!** realizado pelo Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação de São Paulo



REVISTA



EDIÇÃO  
ESPECIAL  
**2023**

## EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E PROMOÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL

Síntese do 4º Grande Encontro das Comissões  
de Mediação de Conflitos da Cidade de São Paulo

Esta é uma publicação do projeto Respeitar é Preciso!, realizado  
pelo Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação de São Paulo





#### **INSTITUTO VLADIMIR HERZOG**

**Ivo Herzog**  
Presidente do Conselho

**Rogério Sottili**  
Diretor Executivo

**Clarice Herzog**  
Presidente Honorária



#### **FORMADORES/AS RESPEITAR É PRECISO!**

Carolina Vieira  
Claudia Soares  
Igor Gomes  
Luara Carvalho  
Raquel Quintino  
Sulamita Assunção

#### **COLABORADORES/AS**

Alan Brum  
Ana Rosa Abreu  
Ane Rocha  
Bruna Pereira  
Crislei Custódio  
Crisley Santana  
Diego Santos  
Dyego Pegorario  
Gabriela Teixeira  
Gabrielle Abreu  
Geovana Cunha  
Giuliano Galli  
Hamilton Harley  
Jussara Barbosa  
Lidia Maria de Lima  
Lucas Barbosa  
Luisa Souza  
Luiza Souto  
Marcela Monteiro Arantes  
Maria Cristina Berger  
Mayara de Lara  
Natália Pesciotta  
Neide Nogueira  
Pedro Oliveira  
Rafael Schincariol  
Renata Aquino  
Robert Guedes Barbosa  
Sâmia Gabriela Teixeira  
Sidneia Neris de Souza - Tita  
Tatiana Rocha  
Thayná Andrade  
Valquíria Ferreira

#### **REVISTA**

Edição:  
**Natália Pesciotta**

Colaboração de edição:  
**Cristiane Tada e Sara Puerta**

Direção de arte:  
**Bruna Pereira e Lucas Barbosa**

Projeto gráfico e diagramação:  
**Rodrigo Terra**

Supervisão educacional:  
**Ane Talita Rocha, Crislei  
Custódio e Neide Nogueira**

Colaboração: **Geovana Cunha,  
Hamilton Harley, Jussa Malunga,  
Luiza Souto e Renata Aquino**

Fotos: **Alice Vergueiro**

Ilustrações: **Lúcia Brandão**



#### **PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO**

**Ricardo Nunes**  
Prefeito

#### **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**Fernando Padula**  
Secretário Municipal de Educação

**Malde Vilas Bôas**  
Secretária Executiva de Educação

**Bruno Lopes Correia**  
Secretário Adjunto de Educação

**Omar Cassim Neto**  
Chefe de Gabinete

**Sueli Mondini**  
Chefe da Assessoria de Articulação  
das Diretorias Regionais de Edu-  
cação – DRE

#### **COORDENADORIA DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS - COCEU**

**Roseli Marcelli Santos de Carvalho**  
Coordenadora

#### **DIVISÃO DE GESTÃO DEMO- CRÁTICA E PROGRAMAS INTERSECRETARIAIS - DIGP**

**Rogério Gonçalves da Silva**  
Diretor

#### **EQUIPE DIGP**

Cleuber Gonçalves  
Erika de Araújo Prudente  
Gláucia Cristine Silva Burckler  
Márcia Helena Matsushita  
Rômulo Araújo Fernandes  
Taize Grotto de Oliveira

## APRESENTAÇÃO



### Sobre esta publicação

Esta revista sintetiza discussões realizadas no dia 23 de maio de 2023, quando centenas de educadores/as da Rede Municipal de Ensino de São Paulo se reuniram no **4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos** para refletir sobre práticas que envolvem a Educação em Direitos Humanos e a mediação de conflitos no contexto escolar, especialmente o papel da escola na promoção da saúde emocional. O evento integrador aconteceu no Sesc Pinheiros, na capital paulista, e faz parte das ações formativas do projeto **Respeitar é Preciso!**, desenvolvido pela parceria entre Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação desde 2014.

O **Respeitar é Preciso!** é um projeto de Educação em Direitos Humanos que foca nas questões do convívio escolar e da mediação de conflitos a partir da noção de respeito mútuo. Nesse sentido, a educação em valores proposta pelo projeto tem como característica basilar a compreensão das violências simbólicas que atravessam as relações no cotidiano escolar e a afirmação dos valores dos direitos humanos por meio de um processo educativo em que todos os atores da comunidade escolar sejam reconhecidos como sujeitos de direito. Esse olhar para a escola e para as relações que ali se dão permite uma compreensão da saúde emocional e do acolhimento como direito e como parte do processo educativo.

Nos últimos anos, o sofrimento psíquico tem emergido como uma problemática cada vez mais relevante e urgente no ambiente escolar. Por isso, em 2022, o **Respeitar é Preciso!** deu início à ação piloto “Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”, com a finalidade de compreender e buscar clareza do papel e das possibilidades das Unidades Educacionais no que se refere ao sofrimento psíquico, por meio de uma metodologia desenvolvida a partir de escutas e consultorias realizadas junto a gestores/as e educadores/as. A ação está em fase de ampliação dos Grupos de Trabalhos e Diretorias Regionais de Ensino envolvidas, com objetivo de chegar a 100% das DREs da Rede Municipal.

Em paralelo a esta ação, o **4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos da Cidade de São Paulo**, evento integrador que envolve todas as DREs, também foi oportunidade para expandir e disseminar as reflexões sobre a temática, como pode ser visto nas próximas páginas. Esperamos que seja possível, dessa forma, contribuir para um olhar inovador e necessário sobre o sofrimento psíquico, suas relações com o ambiente escolar e a Educação em Direitos Humanos.

**Boa leitura!**



# 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos

Educação em Direitos Humanos e Promoção  
de Saúde Emocional na Escola

Apoio:



Realização:





## EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E PROMOÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL NA ESCOLA

Mesa buscou subsidiar a compreensão da produção social do sofrimento e apontar possibilidades de atuação educativa para enfrentar o fenômeno



**A**s manifestações de sofrimento emocional têm sido cada vez mais presentes no contexto escolar, assim como na sociedade. Crises de pânico, ansiedade, depressão, automutilação, ideação e tentativa de suicídio, por exemplo, são algumas das expressões de sofrimento observadas ou experimentadas por quem vive o cotidiano das Unidades Educacionais. A partir dessa realidade, que convoca a atuação de cada esfera da sociedade de diferentes formas, o projeto **Respeitar é Preciso!**, realizado pelo Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, propõe-se a questão: Que papel cabe à escola no enfrentamento ao sofrimento psíquico? Qual a abordagem educativa para lidar com este fenômeno de delicadeza singular dos tempos atuais?



A mesa redonda “Educação em Direitos Humanos e Promoção da Saúde Emocional na Escola” foi realizada no contexto da 4ª edição do Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos da Cidade de São Paulo, um evento integrador que reúne profissionais da Rede Municipal de Ensino para refletir sobre práticas de Educação em Direitos Humanos - aquelas que fortalecem no cotidiano escolar valores como justiça, igualdade, equidade, dignidade.

Com participação das psicólogas e psicanalistas convidadas **Ilana Katz** e **Fê Lopes**, a mesa ressaltou a importância de que o processo educativo produza pertencimento e, assim, promova a saúde emocional - especialmente em um período de intensificação de discursos de ódio e da violência contra a escola.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os determinantes da saúde mental “incluem não apenas características individuais, tais como a capacidade para administrar nossos pensamentos, emoções, comportamentos e interações com os demais, mas também diz respeito a fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais, tais como as políticas nacionais, a proteção social, o nível de vida, as condições laborais ou os apoios sociais da comunidade”. O projeto **Respeitar é Preciso!** busca subsidiar a compreensão do tema a partir do ambiente escolar, espaço coletivo por excelência e, assim, apontar possibilidades de atuação educativa pelos profissionais da educação.

### PENSE NISSO!

A solidão é terreno fértil para o totalitarismo. Essa é uma ideia da filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) citada por **Crislei Custódio**, coordenadora educacional do Instituto Vladimir Herzog e mediadora da mesa “Educação em Direitos Humanos e Promoção da Saúde Emocional na Escola”, no 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos.

A doutora em Educação chama atenção para a potência da vida coletiva, evidenciada ao longo da mesa, como enfrentamento à solidão contemporânea, causada pelas lógicas de produtividade e individualismo vigentes na sociedade. “Não ter espaço para dialogar e construir coisas coletivamente cria uma sensação de desenraizamento muito perigosa”, afirma Custódio. Baseando-se no pensamento de Arendt, ela explica que isso pode produzir intolerância, além de falta de sentido. Por outro lado, a escola, como ambiente coletivo, da diversidade, do diálogo e do respeito mútuo, é espaço propício para que cada sujeito se reconheça no tempo e no espaço, criando vínculos e construindo a história.



ILANA KATZ

## Saúde mental é pertencimento

**P**sicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Psicologia e doutora em Educação pela USP, Ilana Katz compôs a mesa “Educação em Direitos Humanos e Promoção da Saúde Emocional na Escola”, durante o 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos da cidade de São Paulo. Ela possui também pós-doutorado no departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, é pesquisadora no Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP/USP) e participa da Rede Nacional de Pesquisadores em Saúde Mental Crianças e Adolescentes (Rede Pesq-SMCA).

Além de abordar a produção social do sofrimento, a partir das experiências de exclusão, discriminação e despertencimento, Katz evidenciou a dimensão do convívio e a lógica coletiva da escola como possibilidades para proporcionar pertencimento a todas as populações que a compõem, como meio de promover o processo educativo e a saúde psíquica. No espaço escolar, ressalta que a abordagem para lidar com o sofrimento não pode ser patologizante. “Toda vez que individualizamos questões dentro do coletivo, produzimos mais exclusão do que inclusão.”

**A seguir, confira alguns trechos da participação de Ilana Katz no 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos.**

### REFORÇAR OU NÃO O SOFRIMENTO

“Qual o lugar da escola na lida com o sofrimento de crianças e jovens? O que faz sofrer na escola é o que faz sofrer na nossa organização social. A escola não está inventando sozinha um modo de viver e também não vai resolver nem fazer esse enfrentamento sozinha, no sentido de estar desarticulada na produção da solução. Na escola, assim como acontece na nossa organização social, preconceito e discriminação geram sofrimento. Experiências de exclusão são experiências promotoras de sofrimento. Portanto, esse sofrimento que acontece na escola não foi inventado na escola - muito embora seja preciso considerar que o que acontece na escola possa reforçar ou não essas causas e a experiência de sofrimento.”

### PERTENCIMENTO E LUTA POR DIREITOS

“Para falar sobre sofrimento é muito importante não perdermos de vista que o acesso a direitos de uma população é fundamental para sua experiência de pertencimento e para sua possibilidade de participação. Acessar ou não direitos, ser contado ou não pelo Estado pode ou não produzir sofrimento. Dou sempre um exemplo: no *Quarto de Despejo* [livro publicado em 1960], a Carolina Maria de Jesus, muitas vezes, conta que para não deixar os filhos saírem de casa enquanto trabalhava fora, batia nos filhos. Podemos ler isso como uma experiência de violência ou uma experiência de cuidado. Experi-

**“O SOFRIMENTO QUE ACONTECE NA ESCOLA NÃO FOI INVENTADO NA ESCOLA – MUITO EMBORA O QUE ACONTECE NA ESCOLA POSSA REFORÇAR OU NÃO AS CAUSAS E A EXPERIÊNCIA DE SOFRIMENTO.”**

ência de cuidado produzida por alguém que não acessa o direito à segurança pública. Ou seja, a prática de cuidado daquela família foi decidida pelo nível que aquela família acessa direitos. Isso é fundamental quando vamos pensar em práticas de pertencimento e práticas de cuidado. Isso aponta para uma coisa que se expressa na macro e na micropolítica das nossas relações. Se estamos dizendo que negligência e exclusão produzem sofrimento, nós precisamos pensar que cuidar é construir pertencimento. Construir pertencimento é também a luta por acesso a direitos. A gente trata a experiência de exclusão lutando por acesso a direitos.”

### IMPORTÂNCIA DE OCUPAR O ESPAÇO COMUM

“O pesquisador indiano Vikram Patel faz uma construção muito potente sobre o que é saúde mental. Ele fala sobre essa ideia de conexão entre as pessoas, da conexão das pessoas com as organizações da sociedade civil e com o Estado. Entendo que ele formula a ideia de que a experiência de saúde mental está profundamente relacionada com a possibilidade de termos lugar uns nos outros, de fazermos laço social. A Cristina Ventura resumiu isso dizendo que saúde mental é pertencimento. Fica muito bem dito, né? Saúde mental é pertencimento. Se saúde mental é pertencimento, vamos entender que a segurança pública, que garante nossa possibilidade de circular, de encontrar, de pertencer, é um determinante de saúde mental. Ocupar, usar, usufruir, fluir no espaço comum produz segurança. E produz também saúde mental. Afinal, quem vive bem quando está se sentindo inseguro? Quem está se sentindo bem quando acha que o outro que está do meu lado está me colocando em risco?”

**“SE ESTAMOS DIZENDO QUE NEGLIGÊNCIA E EXCLUSÃO PRODUZEM SOFRIMENTO, NÓS PRECISAMOS PENSAR QUE CUIDAR É CONSTRUIR PERTENCIMENTO. CONSTRUIR PERTENCIMENTO É TAMBÉM A LUTA POR ACESSO A DIREITOS. A GENTE TRATA A EXPERIÊNCIA DE EXCLUSÃO LUTANDO POR ACESSO A DIREITOS.”**

**Ilana Katz**

### A QUEM INTERESSA A VIOLÊNCIA CONTRA A ESCOLA

“A violência na escola é uma experiência de expressão do conflito que vivemos e a violência contra a escola é a promoção desse conflito, aprendi isso com o [psicanalista] Rinaldo Voltolini. Estamos falando da violência na escola, expressão de um conflito que é social e está dentro da escola, como uma das agências da nossa organização social; e da promoção do conflito que é realizado contra a escola - a escola, essa nossa principal agência de enfrentamento à barbárie. Então a violência é contra isso. A violência contra a escola busca fazer o quê? Qual é a demanda aqui? Esvaziem a escola. Desocupem o espaço comum. Deixem de fazer comunidade. A ideia que eu tenho é que, quando se ataca a escola, é a isso que se ataca. A violência contra a escola nos faz duvidar da condição da escola de cumprir sua função social. A meta é reduzir o papel de espaço de convívio e de pertencimento, como primeiro lugar fora da família que favorece e constitui a experiência em alteridade, a vida com o outro. A quem interessa isso? Essa pergunta não pode nos escapar quando formos pensar em cuidado com o sofrimento.”

### O PROBLEMA DA PATOLOGIZAÇÃO

“Precisamos lembrar de uma resposta que é frequente quando se produz violência na escola e contra a escola. Uma hipótese que toma conta das mídias, das conversas, que nós, como psicólogas, somos diretamente questionadas: “Mas o que tem aquela pessoa?”, “Qual o diagnóstico daquele rapaz que invadiu aquela creche em Blumenau?”. Um delegado revelou o diagnóstico: disse que ele era psicótico. O que acontece quando dizemos que o problema aconteceu porque aquela pessoa tem uma questão de saúde mental? Quando colocamos em um o problema que é de todos nós? Isso é o que chamamos de patologização da vida. Ao patologizar um, desfazemos a condição de produzir a crítica política, que é o que vai nos permitir entender os mecanismos de construção da situação para poder tratá-los. Não dá mais para reduzir uma questão social a uma questão individual. Não podemos incorrer nesse erro ainda em 2023.”

### INDIVIDUALIZAR SAÚDE MENTAL X PRODUIR PERTENCIMENTO

“A promoção da saúde mental faz parte do mandato público da Saúde, que, para alcançar o seu objetivo na transformação da realidade social das infâncias e das juventudes, deve trabalhar e articular com a escola. Isso não significa colocar um psicólogo na escola para produzir ações individuais, que têm menos a ver com soluções coletivas e mais a ver com uma ação investigativa de riscos que poderiam vulnerabilizar aquela escola, como se essa fosse a tarefa de um psicólogo. O sofrimento assume níveis e formas que são muito diversos em termos de expressão e podem incluir reclusão, explosão. Pode estar mais contido, mais violento. Quando pensamos que sofrimento é efeito de despertencimento, precisamos pensar como é que vamos produzir pertencimento dentro da escola para todos - inclusive para aqueles que em algum momento se tornam agressores.”





### TAREFA DO PSICÓLOGO NA ESCOLA

“O psicólogo, o educador, o assistente social, todos nós que estamos dentro da escola, estamos engajados na função educativa, a partir da especificidade de nossa tarefa. O psicólogo dentro da escola precisa estar atento à produção de pertencimento das populações que ali circulam. E usar os recursos que tem para fazer isso acontecer. Se isso passa por conversas individuais, é bastante diferente de entender que vamos individualizar problemas que precisam ser administrados coletivamente. Toda vez que individualizamos questões dentro do coletivo, produzimos mais exclusão do que inclusão. Vamos fazer sim compreensões da singularidade, mas vamos tratar em um espaço coletivo na direção da produção de pertencimento. É muito diferente de individualizar na direção da patologização da vida.”

“A VIOLÊNCIA  
CONTRA A ESCOLA  
BUSCA FAZER O QUÊ?  
'ESVAZIEM A ESCOLA.  
DESOCUPEM O ESPAÇO  
COMUM. DEIXEM DE  
FAZER COMUNIDADE.'  
A QUEM INTERESSA  
ISSO?” **Ilana Katz**



### TEORIA DA “MAÇÃ PODRE”

“Quando estou falando individualizar, não estou falando singularizar. Individualizar é a perspectiva de recortar do coletivo e colocar a causa do funcionamento em uma pessoa. É a tal da teoria da “maçã podre”: quando temos uma sala de aula com problema, vamos entender qual é o aluno causador do problema, tirar ele da sala e a sala vive bem. O que fazemos com isso? Deixamos de entender quais são os fatores produtores da condição daquele aluno estar atuando, por exemplo, para a desagregação do grupo. Sem nos perguntarmos o que tem naquele grupo que está fazendo aquele aluno ocupar esse lugar. É claro que esse menino ou menina pode ter questões singulares na sua história que o levam a estar nessa posição. Vamos escutar essas histórias, pensar essas histórias, podemos chamar a família, pensar juntos, mas não vamos produzir cuidado de ninguém excluindo uma pessoa.”

### FAZER DO CONVÍVIO CURRÍCULO

“Precisamos fazer do convívio currículo dentro da escola. Fazer do convívio currículo dentro da escola é necessariamente olhar para a experiência de sofrimento como experiência de desperencimento e criar condições para implementação de um currículo antirracista, antifascista, anticapacitista e que enfrente a misoginia, em toda a sua potência na particularidade territorial de cada escola.”

Saiba mais: [respeitarepreciso.org.br](https://respeitarepreciso.org.br)

“TODA VEZ QUE  
INDIVIDUALIZAMOS  
QUESTÕES DENTRO DO  
COLETIVO, PRODUZIMOS  
MAIS EXCLUSÃO DO  
QUE INCLUSÃO.”

**Ilana Katz**



FÊ LOPES

## A escola como local em comum

**E**m participação, na mesa “Educação em Direitos Humanos e Promoção da Saúde Emocional na Escola”, durante o 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos da cidade de São Paulo, a psicóloga Fê Lopes chamou atenção para como o pertencimento é produzido a partir de sentimentos, sensações e conexões por meio de vivências compartilhadas. Assim, ela entende que um grande desafio posto a educadoras e educadores é como cumprir seu papel de transmitir repertórios acumulados sem assumir uma perspectiva de dominação.

Depois da sua colega de mesa Ilana Katz propor que o convívio componha o currículo escolar, Fê Lopes destrinchou a forma como acredita que isso pode ser feito no cotidiano, a partir do respeito mútuo e reconhecimento de cada indivíduo como sujeito de direito.

Fê Lopes é psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, formada em Psicanálise da Parentalidade e da Perinatalidade, pelo Instituto Gerar; em Psicologia e Relações Étnico-Raciais, pelo Instituto Amma Psique e Negritude; em Psicanálise da Criança, pelo Instituto Sedes Sapientiae, e em Psicologia Aplicada à Nutrição, pela Unifesp. É ainda idealizadora do projeto Igbaya - Apoio a Amamentação Negra, junto da pediatra Tiacuã Fazendeiro, e apresentadora do podcast Psy(co), sobre psicologia e cultura pop, junto da psicóloga Damiana Angrimani.

A seguir, confira alguns trechos da participação de Fê Lopes no 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos.

### COISAS QUE CRIAM CONEXÕES

“Não temos como falar de pertencimento sem falar de sentimentos, sensações, coisas que criam conexões, como vocês se conectam com o que se conectam e como vão marcar a vida de alunos. Não estabelecemos encontros com os temas frios, estáticos, de qualquer jeito. Firmamos encontros a partir do que sentimos. Isso é um modo de falar apoiado na filosofia bantu, território do continente africano, um povo que vai dizer que pensamos com o coração e agimos com a cabeça. É o oposto do que falamos aqui. E o coração, que de bobo não tem nada, é a casa dos sentidos. Então, não temos como falar de pertencimento sem falar de coração, sem pensar que a direção é o coração. Quem já teve um professor que marcou a sua vida, que te encantou por um tema, e aí, depois que vocês se apaixonaram pelo tema, que foram se dedicar à matéria? Não é assim? O ponto de criarmos conexão vai depender dessa faísca de algo que captura o outro. Como se fosse uma dança em que a música faz o corpo se mover e a boca cantar quase de modo involuntário.”

### TRANSMITIR REPERTÓRIOS SEM DOMINAÇÃO

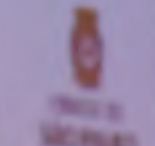
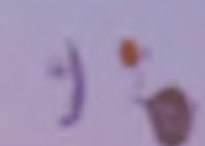
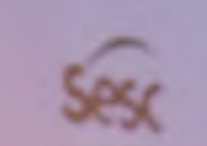
“Qual é a função de professores na sala de aula? Qual o papel nessa transmissão de repertório que foi acumulado por quem tem mais tempo de vida, de mais estudo, de mais experiência e que eu preciso, enquanto educador, transmitir para aqueles alunos, como um dj, aquele que está lá nas pick-ups na balada? Nesse sentido, temos um desafio muito grande que é ser quem dita o som sem fazer isso de uma perspectiva de dominação. Porque é muito fácil vir aqui e falar para vocês que eu gosto de rap e alguém vir dizer que rap não é música. É muito fácil julgar o que o outro apresenta e dizer que só é válido aquilo que é do meu repertório. E é tão importante que pensemos sobre isso, porque, onde tem dominação, não se constrói “com”. E, se eu não construo “com”, eu só construo medo. E, onde tem medo, não tem pertencimento. Sem pertencimento, não tem porque eu enxergar o espaço público, os colegas, os professores, os diretores como pessoas que têm direitos, como pessoas. Enxergar que, mesmo que elas sejam diferentes de mim, elas vão comungar do mesmo lugar de humanidade.”

**“ONDE TEM DOMINAÇÃO, NÃO SE CONSTRÓI ‘COM’ O OUTRO. E, SE EU NÃO CONSTRUO ‘COM’, EU SÓ CONSTRUO MEDO. E, ONDE TEM MEDO, NÃO TEM PERTENCIMENTO.”**



**4º Grande Encontro**  
das Comissões de Mediação de Conflitos

Educação em Direitos Humanos e Formação de Lideranças



“TER ESPAÇO PARA SE AFETAR NA ESCOLA NÃO É TODO MUNDO SE AMANDO, MAS SIM TODO MUNDO SENDO OUVIDO. E PODENDO PRODUZIR SENTIDO A PARTIR DO SEU SENTIR.”

**Fê Lopes**

### ESPAÇO PARA SE AFETAR

“Se eu passo a ver os outros não num lugar de alteridade, sem entender que cada um tem seu ponto de vista, eu passo a ver os outros como inimigos, como alguém que precisa ser eliminado, como alguém, inclusive, que eu preciso colonizar a partir da minha visão de mundo, porque eu sei o que é certo. E fazemos isso na escola, fazemos isso em casa. É como se quiséssemos impor só a minha música como música, sem considerar a opinião do outro. Essa postura afasta as pessoas, faz com que as pessoas se sintam inadequadas, sem nada para oferecer na construção do conhecimento que, em última instância, eu estou oferecendo para elas. Eu quero que elas se apropriem desse conhecimento. Mas, se ela não tem nada a oferecer para colaborar nessa construção, se nada do repertório dela serve, como vai incorporar o que está aprendendo? Vocês percebem que essa postura não abre espaço para se afetar?”

### EDUCAR “COM” E NÃO “PARA”

“A gente não educa ‘para’, a gente educa ‘com’. Queria convidar vocês a pensar como podemos criar uma linguagem do sentir que crie conexão entre vocês, os alunos, o espaço, a localização geográfica onde fica as escolas. Produzir a escola enquanto esse lugar comum é poder produzir esse lugar que seja atravessado pelos afetos. Quando digo para ter espaço para se afetar, não é todo mundo se amando, mas sim sendo ouvido e podendo produzir sentido a partir do seu sentir.”



### CURIOSIDADE GENUÍNA

“Não existe pertencimento total, no qual concordamos com tudo. Isso não é pertencimento, é totalitarismo. A cultura de pertencimento não é se perder no grupo, é de estarmos no grupo com alteridade. É nos comprometermos a não colonizar o outro, não parecer que ditamos o que é belo, o que é bom e o que é justo. Quando renunciamos a uma posição totalitária de poder, isso nos abre para uma curiosidade genuína sobre as pessoas, porque na teoria se abrir para a escuta é uma coisa, mas estamos realmente interessados sobre as pessoas? A gente tem estado interessado nas pessoas?”

**“QUERIA CONVIDAR  
VOCÊS PARA PENSAR  
SOBRE COMO PODEMOS  
CRIAR UMA LINGUAGEM  
DO SENTIR QUE CRIE  
CONEXÃO ENTRE  
VOCÊS, OS ALUNOS  
E O ESPAÇO,  
A LOCALIZAÇÃO  
GEOGRÁFICA ONDE FICA  
O AMBIENTE ESCOLAR”**

**Fê Lopes**

### INCLUIR PARA AMPLIAR O MUNDO

“Sempre que falo de pertencimento eu penso na inclusão, que são conceitos que vão andar juntos, na ideia de ampliarmos o mundo. Porque a inclusão é não retirar ninguém, é chamar mais gente para a festa. E toda vez que eu falo de inclusão, tem esse papo da festa: que não basta só convidar, tem que me tirar para dançar. E não basta só isso, eu quero também escolher as músicas que vão tocar na festa. Porque pertencimento sem escuta, sem diferença, sem protagonismo é totalitarismo e não é isso que queremos. A produção da escola como local de pertencimento é a produção da escola nesse lugar comum, nesse espaço onde temos vontade de voltar, que marca o coração para sempre. “Se eu não puder dançar, não é minha revolução”, disse a anarquista lituana Emma Goldman. Nesse caminho revolucionário de assumir pertencimento como parte da construção diária de nós, enquanto educadores, é necessário: 1- ser visto e ver os outros como indivíduo dentro de um grupo; 2- se conectar e criar conexões com o sentir; 3- manter um compromisso ético com a alegria.”

Saiba mais: [respeitarepreciso.org.br](https://respeitarepreciso.org.br)

**“INCLUSÃO É NÃO RETIRAR NINGUÉM, É CHAMAR MAIS GENTE PARA A FESTA. E NÃO BASTA SÓ CONVIDAR, TEM QUE ME TIRAR PARA DANÇAR. E EU QUERO TAMBÉM ESCOLHER AS MÚSICAS QUE VÃO TOCAR NA FESTA.”**

**Fê Lopes**





## CONHEÇA O PROJETO RESPEITAR É PRECISO!

“Educação em Direitos Humanos e promoção da saúde emocional na escola” foi o tema do 4º Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos da Cidade de São Paulo. O evento integrador aconteceu em 23 de maio de 2023, no Sesc Pinheiros, em São Paulo, reunindo integrantes de todas as Diretorias Regionais de Ensino da Rede Municipal de Ensino.

O Grande Encontro faz parte do projeto **Respeitar é Preciso!**, fruto da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo e o Instituto Vladimir Herzog. Por meio de ações formativas com profissionais da rede, o projeto promove valores democráticos e de direitos humanos no cotidiano escolar.

### COMISSÕES DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

O **Respeitar é Preciso!** se articula com instâncias democráticas presentes na Rede Municipal de Educação, como as Comissões de Mediação de Conflitos (CMCs). Presentes em todas as Unidades Educacionais e compostas por membros da própria comunidade escolar, estas comissões atuam para compreender e lidar com situações de conflitos e violências que prejudicam o processo educativo, abrindo espaço de conversa, favorecendo a consolidação de vínculos e promovendo a reflexão sobre a realidade e as relações da comunidade escolar.

Saiba mais e acesse outros conteúdos sobre Educação em Direitos Humanos:

[respeitarepreciso.org.br](https://respeitarepreciso.org.br)



**EDUCAÇÃO EM  
DIREITOS HUMANOS  
E PROMOÇÃO DA  
SAÚDE EMOCIONAL**

Síntese do 4º Grande Encontro das Comissões  
de Mediação de Conflitos da Cidade de São Paulo

EDIÇÃO  
ESPECIAL  
**2023**

Esta é uma publicação do projeto  
**Respeitar é Preciso!** realizado pelo  
Instituto Vladimir Herzog e Secretaria  
Municipal de Educação de São Paulo



**CIDADE DE  
SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO

[respeitarepreciso.org.br](http://respeitarepreciso.org.br)